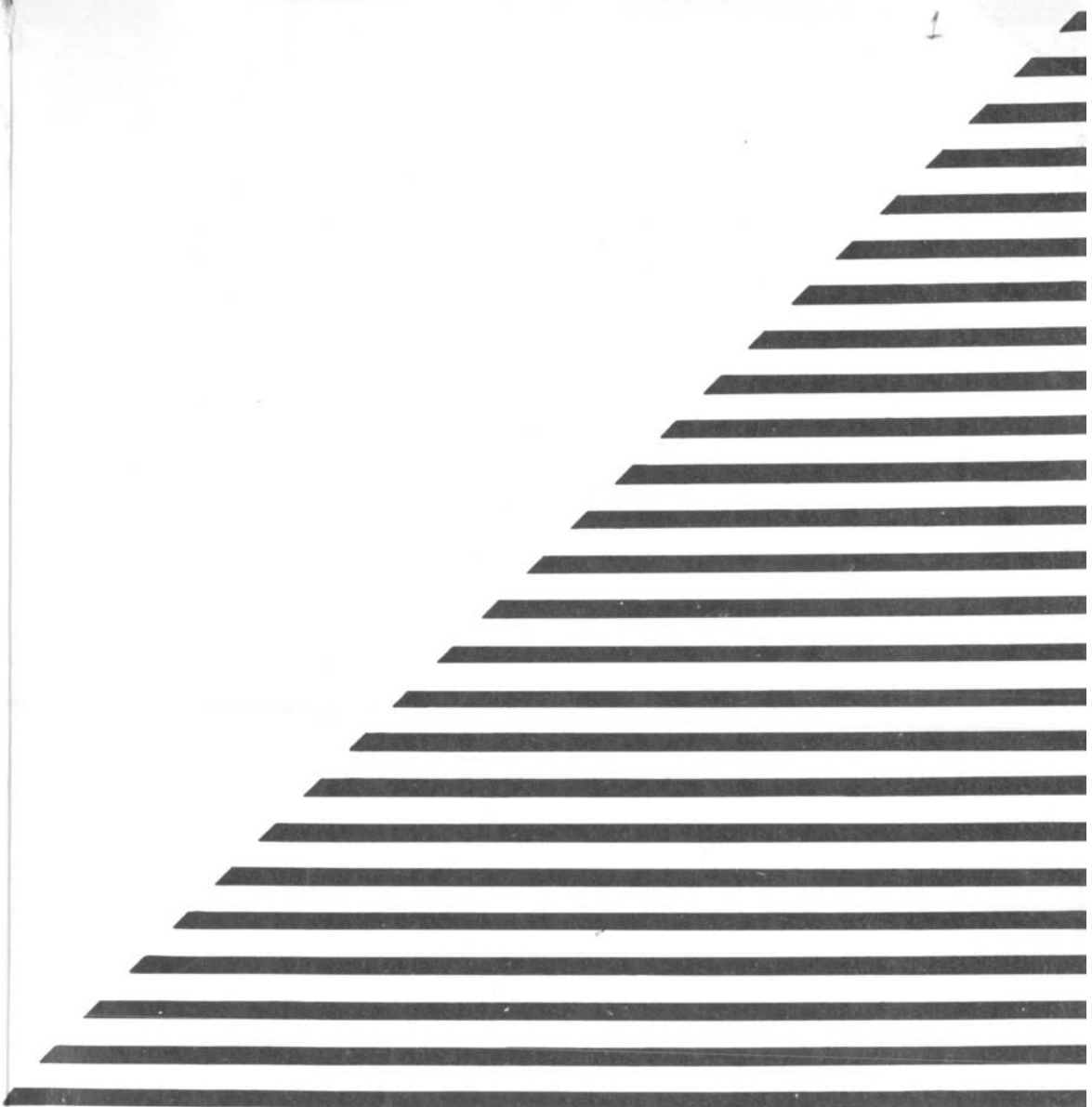


ANAIIS DO I CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA
01



ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

**ANAIIS DO I CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA**

Rio de Janeiro, de 15 a 20 de outubro de 1972

O ESTUDO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

Stanley E. Hilton

O autor comenta o fato de que o estudo da História Contemporânea no Brasil não tem acompanhado o ritmo de tal estudo em países estrangeiros. Atribui tal defasagem em parte à falta de instrumentos de pesquisa, bem como à inexistência de centros de depósito para coleções de manuscritos ligadas à História Contemporânea. Aponta o recém-criado Centro de História Contemporânea, no Arquivo Nacional, como reflexo de uma crescente consciência de que maior ênfase precisa ser dada ao estudo do passado recente. O Centro tentará reunir e organizar coleções de manuscritos, e oferecerá cursos em técnica de pesquisa.

THE STUDY OF CONTEMPORARY HISTORY

The author discusses the fact that the study of contemporary history in Brazil has not accompanied the rhythm and intensity of such study in other countries. He attributes this gap in part to the lack of research tools and to the non-existence of central depositories for records and manuscripts relating to contemporary history. He points to the recently created Center of Contemporary History in the National Archives as a reflection of a growing awareness that greater emphasis needs to be given to the study of the recent past. The Center will endeavor to obtain and organize manuscript collections, and will offer courses in research techniques.

L'ÉTUDE DE L'HISTOIRE CONTEMPORAINE

L'auteur commente le fait que l'étude de l'histoire contemporaine au Brésil n' a pas suivie le même rythme que dans ces pays étrangers. Il attribue telle déphasage d'un côté au manque d'instruments de recherche, d'un autre l'inexistence de centres de dépôt pour des collections de manuscrits liés à l'histoire contemporaine. Il indique le nouveau centre d'histoire contemporaine, dans l'archive nationale, comme reflexe d'une conscience qui augmente et ce dit il faut donner une très grande emphase à l' étude d'un passé récent. Le centre tâchera de réunir et organiser des collections de manuscrits et offrira des cours en technique de recherche.

Entre os muitos campos de investigação histórica descuidados pelos historiadores profissionais no Brasil, talvez nenhum esteja mais abandonado do que a história contemporânea, apesar de circunstâncias históricas estarem exigindo maior atenção para o passado recente. Todos os observadores concordam em que uma transformação dramática está

se processando em todas as áreas de atividade humana. “Os anos do meio do século XX encontram o mundo em um processo de mudança provavelmente mais profundo e compreensivo”, segundo E. H. Carr, “do que qualquer um desde que o mundo medieval desmoronou, e os alicerces do mundo moderno foram estabelecidos nos séculos XV e XVI.” Na opinião de Kenneth Boulding, um dos pensadores contemporâneos mais astutos, esse processo representa “a segunda transição na história da humanidade”, ou seja, a mudança da sociedade civilizada à sociedade pós-civilizada ¹. Se o mundo atual é de tamanho significado, precisamos sim, dar mais ênfase ao estudo da história contemporânea.

O termo “história contemporânea” não significa estreito imediatismo ou presentismo, em um sentido cronológico. Ao contrário, “a história contemporânea começa, como notou o distinguido historiador britânico Geoffrey Barraclough, “quando os problemas atuais de nosso mundo tomam sua primeira forma visível”. Para Barraclough, a última década do século XIX é o grande divisor de águas ². A maioria dos estudiosos estaria geralmente de acordo com essa opinião, embora não haja unanimidade sobre o ponto de partida exato. Os fundadores da principal revista profissional inglesa, neste campo, designaram “Europa no século XX” como seu foco de interesse, enquanto seus cômpanes alemães acreditaram que a “nova época da história mundial” começou com o fim da Primeira Guerra Mundial ³. Não há, enfim, limites cronológicos rígidos para o termo.

A “história contemporânea” não está, assim, nitidamente definida em termos cronológicos, e tampouco o está, para todos os historiadores, em termos de sua validade, ou praticabilidade, como campo de estudo. O debate sobre a praticabilidade da história contemporânea tem sido amplamente travado em outros países, notadamente nos Estados Unidos e na Inglaterra. Um dos argumentos tipicamente levantado nesses países contra o estudo da história contemporânea, pelo menos até o atual século, foi o de que o historiador está próximo demais de seu assunto, de que lhe falta objetividade. Outro, e talvez mais comum argumento, é que as fontes documentárias necessárias não estão disponíveis. Pierre Renouvin, por exemplo, terminou seu excelente estudo, de vários volumes, sobre a *Histoire des Relations Internationales* com o ano de 1945, principalmente porque, na sua opinião, não havia suficiente material para outro volume ⁴.

O primeiro argumento não é mais levado a sério pela maioria dos profissionais, já que as inúmeras controvérsias em torno de acontecimentos históricos de séculos passados demonstram claramente que a passagem do tempo não constitui garantia de que a “verdade” histórica será descoberta, para então ser conclamada pelos historiadores ⁵. Dois eminentes proponentes norte-americanos da história contemporânea, H. Stuart Hughes e Arthur Schlesinger Jr., argumentaram que o historiador que estuda acontecimentos dos quais é testemunha ou os quais viveu, tem até vantagens sobre os que estudam épocas mais distantes. Hughes sugeriu que o fato do historiador ter sentido mais profundamente as questões de sua época o torna mais consciente de suas próprias preferências e

valores, o que por sua vez o torna mais capaz de superar o subjetivismo ao analisar as fontes documentárias. Schlesinger adiciona que o historiador "contemporâneo" talvez tenda a ser mais crítico dessas fontes, precisamente porque conhece as questões e problemas abordados nelas, enquanto o historiador interessado em períodos mais antigos tende ter fé não-crítica nos restos documentais esporádicos ⁶.

A validade do argumento de que as fontes não estão disponíveis varia, é óbvio, de acordo com o assunto da pesquisa, e de acordo com o país. A política oficial dos Estados Unidos, em relação a acesso aos documentos oficiais, está baseada em um limite de vinte e cinco anos, o que significa que a maioria dos arquivos ministeriais, inclusive os do Departamento de Estado, é aberta aos pesquisadores depois de vinte e cinco anos. As várias bibliotecas presidenciais também servem como centros de documentação, e as de dois presidentes recentes, Franklin Roosevelt (1933-1945) e Harry Truman (1945-1952), têm sido extensamente exploradas por pesquisadores. Muitas universidades também são depósitos para coleções de manuscritos que dizem respeito a períodos recentes. O governo britânico abriu, há pouco tempo, seus arquivos para a época da Segunda Guerra Mundial, e os arquivos de vários órgãos alemães são facilmente acessíveis aos acadêmicos. Outros governos, entre eles o francês, italiano, belga e português, já publicaram ou estão publicando os documentos mais importantes de seus arquivos para a crise internacional de 1919-1945. Além destas fontes oficiais, o pesquisador interessado em história internacional pode consultar numerosos diários e memórias publicados, dos estadistas principais, e também fontes não ortodoxas como filmes contemporâneos.

Os partidários de história contemporânea ganharam, assim, a batalha nos Estados Unidos e vários países europeus. A aceitação geral da validade, e necessidade do estudo da história contemporânea nos Estados Unidos até levou um historiador britânico, distinguido especialista em história contemporânea e historiador oficial da política externa britânica durante a Segunda Guerra Mundial, a chamar atenção para o "perigo... principalmente nos Estados Unidos... de ir até o outro extremo, concentrando demais na história contemporânea..." ⁷. Além de sua liberalidade em relação a acesso a fontes oficiais, um exemplo lúcido da atitude norte-americana para com o lugar da história contemporânea nos estudos históricos é o fato do prestigiado *Harvard Guide to American History*, terminado em 1953 e publicado em 1954, conter onze páginas de recomendações bibliográficas para o período 1945-1952. A universidade norte-americana sem pelo menos um curso de história contemporânea norte-americana e outro europeia seria uma raridade. No Williams College, em Massachusetts, o curso básico em história, exigido de todos os candidatos ao bacharelado em história, tem a Segunda Guerra Mundial como foco cronológico: e uma das duas alternativas para o curso final do último ano é um seminário sobre problemas da civilização norte-americana após a Guerra. Na Inglaterra, o aparecimento em 1966 e boa saúde contínua do *Journal of Contemporary History*, apoiado por um conselho editorial que

inclui nomes conhecidos como Bullock, Geyl, Renouvin e Seton-Watson, é sinal da vitalidade e aceitação, naquele país, da história contemporânea como campo legítimo e frutífero de investigação. Na Alemanha, o estabelecimento do Institut für Zeitgeschichte em Munique depois da Guerra, e o aparecimento do ainda florescente *Vierteljahrsefte für Zeitgeschichte* também refletem o interesse persistente dos alemães em compreender seu passado recente.

No Brasil, como foi mencionado anteriormente, a história contemporânea não tem atraído o mesmo grau de atenção, pelo menos dos historiadores profissionais, fato que é lamentável, porque, assim, a história mais recente fica como domínio do jornalista ou polemicista. Os textos de história tendem a terminar com o advento da República, e se retratam do século XX, o fazem sumariamente. Cursos regulares que tratem a história contemporânea de maneira profunda são extremamente raros, e boa literatura histórica é escassa. Confesso que estas observações sobre textos e cursos são impressionistas e sem base empírica, mas discussões com colegas brasileiros parecem confirmar o que disse. Também temos a opinião de José Honório Rodrigues, que há alguns anos apontou a história contemporânea como “uma das principais tarefas da historiografia brasileira.” Não podemos, “instou meu antigo mestre, continuar a desconhecê-la, a evitá-la...”⁸. Uma experiência pessoal minha é talvez ilustrativa. Depois de receber autorização da família de um antigo homem público a consultar seu arquivo particular, e de ver a quantidade de documentos e seu estado bem organizado, expressei surpresa ao saber que eu era o primeiro pesquisador a utilizar o arquivo. Quando perguntei porque era isto, recebi a simples resposta: “Porque ninguém jamais pediu”.

O que explica este afastamento da história contemporânea? Objeções filosóficas? Talvez, mas eu ignoro qualquer debate sistemático entre historiadores brasileiros sobre a praticabilidade de história contemporânea. Para mim, uma razão repousa em um traço básico do comportamento social brasileiro: personalismo, ou seja uma ênfase no relacionamento pessoal. Uma forma pela qual o personalismo tem afetado os escritos de história no Brasil é por conduzir para o que José Honório Rodrigues chamou “biografismo histórico”, isto é, uma tendência a estudar, não criticamente, personalidades do passado. Parece provável que, em uma sociedade onde o bem-estar individual parece ser freqüentemente uma função mais de contatos pessoais do que mérito, o estudante de história se afaste do estudo de acontecimentos recentes e talvez controversiais por medo de ofender alguém que esteja ou venha a estar em uma posição de afetar adversamente o *status* ou carreira dele. Um interesse aparentemente crescente em história recente, particularmente o período Vargas, sugere, entretanto, que esta situação está mudando.

Aqueles com potencial interesse no estudo de história contemporânea estão, naturalmente, desanimados pelas mesmas condições materiais que os historiadores de períodos mais antigos enfrentam: falta de instrumentos

de pesquisa, tais como catálogos, fichários, índices, bibliografias especializadas, e falta de acesso institucionalizado a coleções de documentos. Por acesso institucionalizado, eu quero dizer acesso, em uma base impessoal, que independa de prestígio, a coleções documentais depositadas em instituições públicas. No Brasil não existe, como, por exemplo, nos Estados Unidos ou Inglaterra, um depósito central para arquivos "históricos" oficiais. No National Archives em Washington, como no Public Records Office em Londres, o pesquisador encontra o arquivo de vários departamentos governamentais: Estado, Guerra, Comércio, e assim por diante. No Bundesarchiv (Arquivo Federal) em Koblenz, Alemanha, o pesquisador também encontra os arquivos de vários ministérios, embora o Auswärtiges Amt (Ministério do Exterior) em Bonn mantenha seu próprio arquivo. Este último exemplo é sabidamente a norma no Brasil, isto é, os vários ministérios não transferem seus arquivos históricos para o Arquivo Nacional, alguns mantendo, ao invés, seus próprios arquivos separados, com condições e requisitos de acesso que variam de ministério para ministério, e até de diretor para diretor. Transformando o Arquivo Nacional em um depósito central, com um processo uniforme de acesso aos documentos, parece-me uma das principais necessidades do setor arquivístico.

Ainda não existem instituições que se comparem com uma biblioteca presidencial ou Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos, ou com o Public Records Office ou British Museum na Inglaterra. É prática comum, como indiquei anteriormente, famílias de eminentes homens públicos, norte-americanos ou ingleses, doarem coleções de manuscritos particulares para tais instituições públicas. O caso da era presidencial de Franklin Roosevelt é ilustrativo. A Biblioteca Roosevelt em Hyde Park contém não só vasto arquivo do próprio presidente, mas também os de muitos outros membros de seu governo, inclusive os volumosos documentos de seu Ministro da Fazenda (Secretary of Treasury Henry Morgenthau, Jr.) A Biblioteca do Congresso em Washington conserva os arquivos particulares de Ministro do Exterior (Secretary of State Cordell Hull), e de pelo menos três dos mais importantes embaixadores daquele período. Os documentos e diário de um Ministro da Guerra (Secretary of War Henry Stimson) estão depositados na Universidade de Yale, e aqueles de outros importantes embaixadores estão arquivados em instituições tais como as universidades de Harvard e Stanford. O mesmo trabalho de reunir coleções particulares que dizem respeito a governos posteriores está se realizando.

Não é que arquivos particulares não existam no Brasil. Existem, e em abundância. Para meus próprios projetos de pesquisas, tenho consultado vários deles, incluindo os de Getúlio Vargas, Oswaldo Aranha, Afonso Arinos de Melo Franco, Félix Pacheco, Hildebrando Acioli, João Neves da Fontoura, e Otávio Mangabeira. Em cada caso tive uma recepção simpática e poucas restrições foram colocadas para uso dos documentos. Além dos que pessoalmente consulte, e sei da existência de várias outras

coleções em mãos particulares. O problema é reunir essas coleções em um local central, organizá-las e colocá-las à disposição dos pesquisadores.

É justamente isso que o Arquivo Nacional está tentando fazer com seu recém-criado Centro de História Contemporânea. Crédito para tal iniciativa pertence a Dr. Raul Lima, diretor do Arquivo, que foi estimulado a agir por seu próprio estudo das tendências e problemas de pesquisa sobre história contemporânea, e pela crescente atmosfera de preocupação entre os acadêmicos e intelectuais brasileiros com a falta de tal pesquisa, por parte de brasileiros, no país. Deste grupo, deve ser notado José Honório Rodrigues, um predecessor de Dr. Raul Lima. Talvez tenha feito mais do que qualquer outro indivíduo para estimular reflexão e debate produtivos sobre os problemas e necessidades da pesquisa histórica. Sua recomendação há alguns anos de que seja criado um Instituto Nacional de Pesquisa Histórica é uma que ainda deveria ser transformada em realidade. Professora Martha Gonçalves, diretora do Arquivo Histórico do Itamaraty, tem outrossim apoiado a idéia de que um esforço concentrado precisava ser feito para estabelecer condições melhores de pesquisa e treino.

O Centro de História Contemporânea tem uma dupla finalidade. De um lado, oferecerá cursos em técnica de pesquisa, envolvendo aplicação prática na forma de trabalhos de pesquisa baseados em fontes primárias. Estes cursos tratarão não só da história nacional, como, oportunamente, também da européia e norte-americana. O primeiro curso começou há um mês, com dezesseis candidatos ao mestrado na Universidade Federal Fluminense. A duração do curso será de dois semestres, e seu foco é a Época Vargas (1930-1945). De outro lado, o Centro propõe servir como centro de documentação, um objetivo que, por sua vez, divide-se em duas áreas-tarefa. Em primeiro lugar, serão organizadas certas coleções documentais já na posse do Arquivo, principalmente a Coleção Presidência da República. Para o período de interesse imediato ao CHC, a Época Vargas, há umas 250 latas de documentos não catalogados. Como parte de seu trabalho para o curso em andamento, os alunos da UFF estão fichando esses documentos. Em segundo lugar, o Centro está esforçando-se para persuadir às famílias que possuem coleções de manuscritos a doá-las ao Arquivo, ou pelo menos permitir a microfilmagem delas. No momento temos compromissos firmes de três famílias de antigos homens de governo. O Arquivo também pretende comprar várias coleções de documentos diplomáticos estrangeiros publicadas ou microfilmadas.

A tarefa não será fácil. Exigirá tempo e trabalho. Mas o primeiro passo para uma meta louvável já foi feito. Se o Centro de História Contemporânea tiver sucesso e atingir seus objetivos, o Arquivo Nacional terá prestado um grande serviço aos historiadores e à Nação. A direção do Arquivo Nacional merece o aplauso e o apoio de todos por esta feliz iniciativa. Pessoalmente me sinto honrado com o convite de participar neste empreendimento e antevejo com prazer o entusiasmo os próximos dois anos.

REFERÊNCIAS

1. E.H. Carr, *What is History?* (London, 1968), 133; Kenneth E. Boulding, *The Meaning of the 20th Century* (New York), 1965, 1.
2. Geoffrey Barraclough, *An Introduction to Contemporary History* (Baltimore, 1969), 20.
3. "Editorial Note," *Journal of Contemporary History*, I (1966), viii; Hans Rothfels, "Zeitgeschichte als Aufgabe", *Vierteljahrshäfte für Zeitgeschichte*, 1. Jahrgang, 1. Heft (Janeiro 1953), 6.
4. Pierre Renouvin, *Histoire des Relations Internationales — Tome Huitième, Les Crises du XX Siècle, II: De 1929—1945*. Paris, 1965; 2: "Ce qui entraves plus encore la recherche historique [sobre a história contemporânea], surtout lorsqu'elle ne veut pas se borner à établir les faits, mais prétend en chercher l'explication, c'est la pénurie de documents solides".
5. O método de "interpretações conflitivas", destinado a estimular debate e raciocínio lógico, é comum nos cursos de graduação norte-americanos, e para isso existem séries especiais de textos dedicados a questões históricas controversas. A editora D. C. Heath e Cia. publica duas de tais séries — "Problems in [North] American Civilization" e "Problems in European Civilization" — e Holt, Rinehart e Winstons publica a série "American Problem Studies". É interessante notar que os temas de volumes sobre a história norte-americana incluem, além de vários assuntos da época de Franklin Roosevelt: A Guerra da Coréia; McCarthyismo; e a Corte Suprema; e Vietnam. A série Heath sobre história européia inclui, até 1970, dezesseis volumes sobre o período após a Primeira Guerra Mundial, incluindo um sobre "A Guerra Fria".
6. H. Stuart Hughes, *History as Art and as Science* (New York, 1964), esp. 89-107; Arthur Schlesinger, Jr., "The Historian as Participant".
7. Llewellyn Woodward, "The Study of Contemporary History", *Journal of Contemporary History*, I (1966), 3.
8. José Honório Rodrigues, *Teoria da História do Brasil* (3ª ed., São Paulo, 1969), 40.

INTERVENÇÕES

(Nota: texto extraído de gravação, sem revisão do autor)

INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DA MESA:

Devo transferir quase todo o crédito que me atribui o Professor Stanley Hilton nessa iniciativa à Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES, do Ministério da Educação e Cultura, que tornou possível a vinda do referido professor e, portanto, a organização deste centro.

De ARTHUR MACHADO

Quais as condições e habilitações necessárias para pertencermos ao Centro de História Contemporânea? 2) Os cursos são para candidatos ao mestrado das universidades?

R) Os cursos que pretendemos oferecer são, de fato, de nível de pós-graduado, ou seja, para candidatos ao mestrado ou ao doutoramento. Não se trata, propriamente, de pertencer ao Centro. No momento o curso está sendo feito só para esses dezesseis alunos da Fluminense. No futuro, pretendemos oferecer um curso que será aberto a outros alunos e funcionários, universitários, professores, de outras instituições.

De HÉLIO SILVA

É comum que teses aprovadas sejam publicadas pelas universidades norte-americanas. Se as universidades brasileiras publicassem as teses aprovadas, não seria isto o estímulo que falta aos universitários brasileiros, ao mesmo tempo que a divulgação de seus trabalhos desfaria a impressão leviana de desinteresse pela Pesquisa Histórica no Brasil?

R) Poderemos chamar a atenção para o fato de que o Arquivo Nacional também pretende providenciar a publicação de qualquer trabalho de pesquisa apresentado nestes cursos. Eu concordo plenamente que seria um ótimo meio de estimular o interesse na nossa pesquisa histórica.

De UMBERTO PEREGRINO

O Professor diz que no Brasil não há instituições que se comparem com uma Biblioteca Presidencial ou a Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos. Não será isso apenas uma questão óbvia de dificuldades financeiras? A que o Senhor atribui essa falha na Organização Cultural Brasileira?

R) Sem dúvida o fator orçamentário é um grande fator. Eu supenho que no caso de alguns Ministérios, o problema talvez não seja financeiro. No Ministério da Guerra, ao Itamarati talvez haja outros empecilhos, outros impedimentos para a criação de um depósito central. É uma situação muito complexa, mas concordo que o fator financeiro é importante.

De NELLY TOURINHO

Quais os requisitos essenciais para a inscrição no referido curso e quando se iniciará o próximo?

R) O próximo curso será iniciado no segundo semestre de 1973. Por enquanto, temos dezesseis alunos fazendo o primeiro curso e a duração é de dois semestres, de forma que não há vagas. Mas pretendemos iniciar o próximo em agosto ou setembro do ano que vem.

De ANA MARIA DOS SANTOS

Como se acha o acesso aos documentos, especialmente os relativos à História Contemporânea?

INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DA MESA:

O acesso aos documentos do Arquivo Nacional é inteiramente facilitado. Tenho disso, os testemunhos constantes de pessoas que visitam o arquivo e que me fazem os maiores elogios ao atendimento, à urbanidade com que são atendidas pelo pessoal do arquivo. O pesquisador apenas tem que chegar à portaria, identificar-se, receber um cartão e uma ficha que lhe dará um assento e mesa apropriada na sala de consulta. Na sala de consulta — que neste momento está em conclusão de obras, recebendo ar condicionado, iluminação farta, possível isolamento de som, uma vez que vai ficar fechada com ar condicionado, o que não era possível antes, devido ao elevadíssimo pé direito — encontram-se à sua disposição os catálogos, os fichários que existem na sala. Infelizmente um dos obstáculos que ainda existe à pesquisa, tanto da história antiga quanto contemporânea, é o fato de, tendo o arquivo calculadamente dois bilhões de documentos, não estarem eles todos catalogados, evidentemente. Eu diria mesmo que uma parcela relativamente pequena está catalogada. Então isto exige um esforço maior dos pesquisadores para detectarem os documentos de seu interesse. Quanto ao mais, a facilidade é total porque não temos documentos secretos. Outro dia eu fui procurado por um repórter de um jornal que trazia justamente a incumbência de fazer uma reportagem sobre os documentos secretos. Ele ficou muito desapontado quando informei que não os havia, porque, ou são documentos públicos e portanto de livre acesso à pesquisa (uma vez que é possível até pedir certidões deles, nas repartições, quando ainda estão na fase administrativa, quanto mais depois que são recolhidos ao Arquivo Nacional), ou são de arquivos particulares que foram doados ao arquivo, sem a imposição de sigilo, que aliás só é feita de acordo com o regimento do órgão, até o máximo de cinco anos. De maneira que não há este empecilho.

NOTA DO EDITOR:

Neste momento o Presidente da Mesa fez os seguintes comentários acerca de várias intervenções que lhe chegaram às mãos, algumas das

quais ele próprio respondeu: "Tenho aqui perguntas que não são bem perguntas, que são uma notas críticas, com acentuado tom polêmico, escritas pelo mesmo congressista, algumas assinadas pelo próprio redator, outras assinadas por outras pessoas e que, apesar da grande liberalidade que eu acho que se deve ter em congressos, em reuniões desta natureza, revelam, também, uma certa animosidade e que também não me parecem ajustadas a este espírito de liberalidade que reunião desta natureza deve ter. Em consideração a alguns signatários eu darei uma idéia da natureza dessas intervenções.

De FRANCISCO R. DE MACEDO:

O Professor conhece a Bibliografia de História Contemporânea? Em que livros estudam a História do Brasil os universitários norte-americanos?

De HÉLIO SILVA:

Como é possível se estudar criticamente personalidades do passado, sem se ter um conhecimento amplo, imparcial, do fato histórico em que atuaram tais personalidades? Faz-se a crítica antes do conhecimento completo dos antecedentes e das conseqüências, além do próprio fato em si?

De UMBERTO PEREGRINO:

O Professor acusa os brasileiros de desinteresse pela História Contemporânea. Refere-se aos seus alunos? Acusa historiadores com obra conhecida, professores, membros da Academia Brasileira de Letras, institutos históricos e outras sociedades culturais de que fazem parte estudiosos de História?

INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DA MESA:

Eu acho que este problema da escassez da pesquisa histórica ficou bem definido, bem apreciado por vários relatores e intervenções. Há, realmente, escassez, pouco estímulo, sem prejuízo de se reconhecer que haja excelentes historiadores com obras magníficas, em relação mesmo à história contemporânea. Todos conhecem essa série de volumes que o Professor Hélio Silva, por exemplo, vem publicando, que é um trabalho da mais alta valia.

De MARIA CECÍLIA RIBAS CARNEIRO:

1) o Professor refere-se a historiadores profissionais. O que quer dizer? Qual o critério que usa para classificar historiadores? 2) o Professor conhece, nos Estados Unidos, algum caso de estrangeiro ser encarregado de examinar, classificar e expor à consulta, documentos oficiais ainda não examinados por nacionais? 3) O Professor alude às condições de pesquisa nos arquivos nos Estados Unidos e na Europa. Certamente não ignora as limitações que a Legislação Norte-Americana faz à pesquisa histórica quanto à época a ser pesquisada, credenciais do pesquisador e sua nacionalidade. Sabe que há uma classe de documentos só acessível a pesquisadores sabiamente credenciados e com a condição SINE-QUA-NON de cidadão norte-americano. O que diz a isso quanto ao Brasil? Poderá fazer uma análise diferencial entre as condições em que um pesquisador brasileiro pode trabalhar nos Estados Unidos e um pesquisador americano no Brasil?

INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DA MESA:

Essa crítica considero dirigida à Direção do Arquivo Nacional, mas eu não encontrei nenhuma legislação pertinente ao Arquivo, nenhuma discriminação relativa ao ingresso de pesquisadores à pesquisa histórica, e não queria, de modo nenhum, essa atitude chauvinista ou xenófoba de fazer esta discriminação.

De MARIA CECÍLIA RIBAS CARNEIRO:

O Professor fala no Centro de História Contemporânea recém-criado pelo Arquivo Nacional. A idéia é bastante louvável e ao mesmo tempo surpreendente. Durante a gestão de José Honório Rodrigues como diretor do Arquivo, sendo ele conhecido historiador, aquela instituição não possuía verbas e agora me parece que esse problema está larga e generosamente resolvido. O Senhor poderia nos dizer como aconteceu esse milagre?

INFORMAÇÃO DO PRESIDENTE DA MESA:

Já expliquei que a vinda do Professor Hilton foi tornada possível pela CAPES.

De MARIA CECÍLIA CARNEIRO:

O Professor diz que nos Estados Unidos há um depósito central para Arquivos Históricos Oficiais, mas pela sua própria explanação se verifica que o National Archives não é esse depósito central, pois há documentos espalhados por várias outras instituições como a Biblioteca do Congresso ou bibliotecas particulares, como o caso da do Presidente Roosevelt em Hyde Park. Onde é, afinal, esse depósito central?

MOÇÕES, SUGESTÕES, CONGRATULAÇÕES E PERGUNTAS NÃO RESPONDIDAS

PADRE EUCLIDES ROCHA

No Brasil, a carreira de pesquisador é pouco estimada, de modo geral, e baixamente remunerada. Deseja-se que o Governo cuide deste problema. Não basta o estímulo de concursos.